



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14324 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

AS MARCAS DO COLONIALISMO NAS IDENTIDADES NEGRAS NO BRASIL

Astrogildo Fernandes da Silva Júnior - UFU - Universidade Federal de Uberlândia

Lucian Erlan Silva Domingues - UFU - Universidade Federal de Uberlândia

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPEMIG

AS MARCAS DO COLONIALISMO NAS IDENTIDADES NEGRAS NO BRASIL

Resumo: O presente artigo tem como objetivo registrar o que dizem as/os participantes da pesquisa sobre o que é ser negra/o no Brasil, buscando refletir sobre as experiências vivenciadas. As/Os participantes da pesquisa foram professoras/es negras/os que coordenaram e as/os que participaram de um Curso de Extensão ofertado pela Universidade Federal de Uberlândia, que tinha como objetivo auxiliar na formação das/os professoras/es para obterem acesso a Programas de Pós-Graduação *stricto sensu*. A pesquisa inspirou no pensamento decolonial e afrodiaspórico. Foi uma abordagem qualitativa que recorreu à História Oral Temática. Concluiu-se, a partir dos episódios narrados pelas/os protagonistas da investigação, que o racismo no Brasil ainda permanece, mas evidenciam a resistência e a importância de tornar-se sujeitos.

Palavras-chave: Pensamento decolonial e afrodiaspórico. Professoras/es negras/os. Racismo.

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). O objetivo do artigo consiste registrar o que dizem as/os participantes da pesquisa sobre o que é ser negra/o no Brasil, buscando refletir sobre as experiências vivenciadas.

Em relação à metodologia optamos por privilegiar a abordagem qualitativa de pesquisa educacional, por favorecer uma visão ampla do objeto estudado e envolvimento do pesquisador com a realidade social, política, econômica e cultural. Dialogando com questões amplas no decorrer da investigação, o estudo qualitativo pode oferecer além da ampliação dos olhares a busca e anseios aos questionamentos colocados em questão.

O critério de escolha das/os participantes da pesquisa consistiu em serem professoras/es negras/os que coordenaram e as/os que participaram de um Curso de Extensão ofertado pela Universidade Federal de Uberlândia, que tinha como objetivo auxiliar na formação das/os professoras/es para obterem acesso a Programas de Pós-Graduação *stricto sensu*. Contamos com a participação do coordenador e coordenadora do Curso e de seis professoras/es cursistas.

Para analisar as narrativas das/dos professoras/es negras, optamos pela história oral temática que parte de um contexto específico, preestabelecido, aproximando-se mais da apresentação de trabalhos analíticos em diferentes áreas do conhecimento acadêmico. Antecede a realização da pesquisa, a produção de um roteiro de entrevista, que possibilite respostas para os questionamentos.

Para entendermos a trajetória das pessoas negras no Brasil, recorreremos aos escritos de autores clássicos da Psicanálise e das Relações Raciais como Frantz Fanon (1983), Neusa Santos Souza (1983), Isildinha Baptista Nogueira (1998), Abdias Nascimento (1978), Guerreiro Ramos (s/d). Além de autores que se debruçaram nas questões afrodiáspóricas do povo negro no Brasil. Utilizamos também os estudos da feminista negra e escritora, Grada Kilomba (2019), que nos ajuda a refletir sobre a especificidade de ser negra.

Todas/os participantes da pesquisa, em diversos momentos, viveram episódios de racismo. O professor K, mestre em Filosofia, nasceu e passou parte da sua juventude em um bairro periférico da cidade de Ituiutaba, é um lugar de maioria negra, o que pode ter contribuído para não ter sido vítima de racismo nesse contexto. Sua primeira experiência com o racismo foi quando cursava Filosofia no seminário e um padre o questionou se sua vocação artística e cultural, cantando em corais, dançando e atuando em teatro fazia parte de uma intenção em esconder o fato de ser negro e morar na periferia. O professor K respondeu que ser preto está marcado no seu rosto, no seu corpo e na sua essência e isso não tem como esconder. Outro episódio vivenciado, foi quando estava aguardando seus amigos na porta de um bar e uma mulher estacionou o carro e pediu para que ele olhasse o carro para ela enquanto ela estava no bar. O professor K, em tom de brincadeira, disse que olharia e cobraria 50,00 reais, ela retrucou e ele continuou: “olha não é todo dia que você tem um professor, formado, com graduação e pós-graduação para olhar seu carro, aproveite. Ela muito sem graça, me olhou de volta e me disse você não é guarda/vigia da rua?” (Professor K, 2023).

Os episódios narrados pelo Professor K, revela que no sistema mundo, patriarcal, heterossexual, branco, cristão há lugares para negros e lugares para brancos. As marcas da

negritude ainda podem gerar traumas, dessa forma, como afirma Fanon (1967) é melhor que a pele preta vista máscaras brancas. O autor utiliza a linguagem do trauma, como a maioria das pessoas negras o faz quando fala sobre experiências cotidianas de racismo, indicando o doloroso impacto corporal e a perda característica de um colapso traumático, pois no racismo, como afirmamos anteriormente, o indivíduo é retirado e violentamente separado de qualquer identidade que ela/ele possa realmente ter.

O professor T, sintetiza os episódios de racismo vivenciado, ressaltando que por não ser negro da pele preta os episódios de racismo eram menos evidenciados. Segundo o professor:

Ao longo da educação escolar passei por alguns momentos de discriminação. Eu sou uma pessoa negra, mas não tenho a pele retinta, então assim a questão racial no meu caso era uma questão mais velada, não era tão explícita. Mas percebia as brincadeiras com as crianças de pele mais retinta, com o cabelo das meninas, a questão estética era muito visível [...]. Percebia o desinteresse de alguns professores com os meninos e meninas pretos, nas escolas isso era visível, eu acho que conforme eu crescia eu vivia e via que os alunos pretos não eram preferidos por alguns professores na sala de aula (Professor T, 2023).

A narrativa do Professor T, reforça a necessidade de aprofundar a abordagem decolonial e afrodiaspórica na formação de professoras/es, pois é na escola que o racismo é experimentando com frequência e força. E a educação antirracista precisa ser efetivada. Enfatizamos o alerta de Kilomba (2019) ao reforçar que o racismo não pode ser compreendido apenas como a reencenação de um passado colonial, mas também como uma realidade traumática, que tem sido negligenciada.

Temáticas relacionadas ao racismo precisam ser abordadas no espaço escolar, pois é algo atual e está presente nesse espaço. Gomes (1996, p.69) nos faz alusão que as instituições escolares são determinantes na vida do sujeito, pois é através dela que a criança forma ou tem a noção do que é viver em sociedade, é na escola que ela aprende ou não respeito pela diferença, pelas subjetividades e particularidades de cada um. É que ela se vê e se faz representada. Daí reiteramos a importância da construção de uma escola antirracista. De acordo com Kilomba (2019),

A identificação positiva leva a reparação. O processo alcança um estado de descolonização, isto é, internamente, não existe mais como a/o Outra/o, mas como o eu. Somos eu, somos sujeito, somos quem descreve, quem narra, somos autoras/es e autoridade de nossa própria realidade (p. 265).

Falar de si, valorizar seu corpo negro, escrever sua história é um ato de descolonização. Nesse sentido, os estudos decoloniais e afrodiaspórico podem ser um caminho para esse processo.

Sabemos que essa valorização em ser um sujeito negro/a exige uma performatividade. Historicamente foi construído uma visão negativa da/o “Outra/o”, reverter esse processo demanda esforços. Ao questionarmos aos participantes da pesquisa o” que é ser Negra/o no Brasil” tivemos como intuito identificar possíveis permanências do colonialismo. As respostas de professores e professoras negros/as abordam os desafios de ser negro/a no Brasil:

É se auto afirmar todos os dias, para que o racismo de cada dia não roube a sua identidade ou não te torne incapaz. É ser insubordinado contra o sistema que todo dia teima em te colocar em um lugar de desprezo e de invisibilidade. Ser negro é ser um contraventor de sua própria existência na luta entre sua afirmação e seu direito material de ser um ser de direitos políticos e culturais. (Professora M, 2023)

Ainda é ter que matar um leão por dia, provar que sou competente apesar da minha cor, ter que fazer mais e melhor em menos tempo e não ser reconhecido pelo as atividades que desenvolvo e nem pelos títulos que adquiero, mas ter a certeza de que abro caminhos para outros pares que viram depois de mim. (Professor K, 2023)

Como me considero parda, e parece que a sociedade nem assim me vê, o que mais me marca nestes aspectos de vivências é o fato de ser mulher, mãe solo, profissional, que enfrenta todos os dias os desafios da misoginia e desigualdades de gênero. (Professora K, 2023)

As narrativas comprovam as permanências do colonialismo, pois ressaltam os desafios de ser negro/a no Brasil. Podemos inferir que as marcas denunciadas por Grosfoguel (2009) ainda estão presentes: vivemos um sistema mundo onde prevalece o modelo patriarcal, heterossexual, branco e cristão.

As narrativas das professoras revelam as especificidades de ser mulher e negra. É o que Kilomba (2019) define como racismo genderizado. Para a autora, as mulheres *negras* habitam um espaço vazio, um espaço que se sobrepõe às margens da “raça” e do gênero, o chamado “terceiro espaço”. Kilomba (2019), destaca que diferentes formas de opressão – tais como o racismo, o sexismo e a lesbofobia – como cumulativas em vez de interseccionais é um equívoco. As intersecções das formas de opressão não podem ser vistas como uma simples sobreposição de camadas, mas sim como “produção de efeitos específicos”. Formas de opressão não operam em singularidade; elas entrecruzam.

Falar de racismo é fazer referência a posições marginais, isso evoca dor, decepção e raiva. Elas são lembretes dos lugares onde mal podemos entrar, dos lugares nos quais dificilmente “chegamos” ou não “podemos ficar”.

Este processo identifica o que o sujeito incorpora, introjeta, criando um mecanismo de defesa, sou aquilo que o meu consciente e inconsciente define como sujeito, e é neste aspecto que segundo Nogueira (2021), inconsciente em que o racismo se inscreve, tanto para os brancos quanto para os negros. Para a autora, a ideologia racial se funda na estrutura na condição universal e essencial da branquidade, como única via possível de acesso ao mundo. (p.117).

Dessa forma temos noção dos desafios da pessoa negra em se tornar “sujeito”, deixar de ser o que Kilomba (2019), designa de “Outridade”, ou seja, ser tudo aquilo que o “Outro” não quer ser. Se tornar sujeito, para Kilomba (2019) significa que, por um lado, indivíduos podem se encontrar e se apresentar em esferas diferentes de intersubjetividade e realidades sociais, e por outro lado, podem participar em suas sociedades, isto é, podem determinar os tópicos e anunciar os temas e agendas das sociedades em que vivem. Essa é uma pauta que precisa ser enfrentada: tornar-se sujeito.

Tanto Costa (2020), como Santos (2010), concordam que as identidades, codificam os grupos sociais, permeando as relações e conflitos políticos, econômicos e culturais. Na ação individual e ao mesmo tempo coletiva. Nesse sentido, é imperativo resistir. É sobre resistência que outras/os participantes da pesquisa definiram o que é ser negro no Brasil:

Ser negro no Brasil demanda. Demanda força, coragem, resistência, inteligência. Demanda a vontade de continuar existindo. (Colaborador T.C, 2023)

Ser negro é reexistir, se refazer a todo momento para que tenhamos os direitos básicos, como educação, saúde, moradia, entre outros. (Colaborador M.V, 2023)

O processo de resistência passa pela necessidade da/o negra/o se afirmar como corpo político do conhecimento. Segundo Gomes (2020),

Por isso, a luta do Movimento Negro por ações afirmativas no Brasil no fim do século XX e durante o século XXI, é a luta contra o racismo e pela construção da igualdade e da justiça social para as pessoas negras. Ela é, portanto, a luta contra a colonialidade do poder, do saber e do ser, articulando à luta contra as desigualdades socioeconômicas, raciais, de gênero e de sexualidade. As ações afirmativas, reconhecidas e implementadas como políticas de Estado, desvelam o quanto o racismo, somado e reeditado pelo capitalismo e alimentado por uma série de outras violências e discriminações, produz historicamente uma perversidade abominável que se sustenta no pensamento, nas práticas sociais e no conhecimento (GOMES, 2020, p. 226).

A partir da colocação da autora podemos considerar que se reconhecer como pessoa negra é um passo importante, mas é necessário avançar na cobrança de Ações Afirmativas para romper o “abismo” entre pessoas brancas e pessoas negras.

Por meio da inspiração no pensamento decolonial e afrodiaspórico a pesquisa possibilitou o acesso às vozes de professoras e professores negras e negros e permitiu reflexões sobre os desafios de ser negra/o no Brasil. Suas histórias revelaram, além dos desafios, a resistência e o potencial de transformação de paradigmas.

O diálogo teórico com autoras/es do sul global, particularmente negras/os, permite outros olhares, outras epistemologias, outras histórias, enfim diferentes formas de produção de conhecimento. Os episódios narrados pelas/os protagonistas da investigação trazem as marcas da permanência do racismo no Brasil, mas evidenciam a resistência e a importância de tornar-se sujeitos.

Como ressaltamos na afirmação de Gomes (2020), avançamos com a presença de corpos negros nas Universidades brasileiras, mas o caminho para a efetivação de “outros” mundos possíveis ainda requer muita luta. As pesquisas acadêmicas ao recorrerem à inspiração decolonial e afrodiaspórica pode contribuir para esse processo.

REFERÊNCIAS

FANON, F. *Peles negras, máscaras brancas*. Rio de Janeiro: Fator, 1983.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (Orgs.) *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GOMES, Nilma Lino. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. *Cadernos Pagu: raça e gênero*, Campinas: Unicamp, v. 6-7, p. 67-82, 1996.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (Orgs.) *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NOGUEIRA, I. B. Cor e Inconsciente. In: KON, N. M.; ABUD, C. C.; SILVA, M. L. (orgs). *O racismo e o negro no Brasil: questões para psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2017, p. 121-126.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. *Perspectivas latino-americanas*. 2005.

